

Culpa e consciência: as condições ontológicas para a responsabilidade moral em Heidegger

Marcos André Webber¹

Resumo: Ao afirmar no § 58 de *Ser e tempo* que o modo essencial do *ser-culpado* é condição existencial para a possibilidade da moralidade em geral, Heidegger identifica no *conceito existencial de culpa* uma relação entre ontologia e moralidade cuja origem se encontra na estrutura ontológica do próprio *Dasein*. Uma vez, porém, que a ética se inscreve na esfera ôntica da existência, a tarefa que se impõe é justamente de buscar o ontologicamente requerido para uma adequada justificação da responsabilidade moral do *Dasein*. Nesta perspectiva, o apelo da consciência pode ser lido como condição ontológica para que o *Dasein* possa assumir a responsabilidade sobre as suas ações e os modos de ser que envolvem assuntos éticos. Neste contexto, a questão que orienta esta pesquisa se refere à possibilidade de compreender-se a origem ontológica da responsabilidade moral como uma resposta do *Dasein* ao apelo da consciência, que se revela no *querer ter consciência*. Por consequência, o *querer ter uma consciência* passa a ser o que de fato constitui ontologicamente a responsabilidade autêntica, permitindo ao *Dasein* projetar-se na sua mais própria possibilidade de *ser-culpado* e a buscar a sua singularização frente ao *impessoal*, em direção ao *ser-resoluto*.

Palavras-chave: Heidegger; responsabilidade; culpa; consciência; moralidade.

Considerações Iniciais

O tema da responsabilidade tem frequentemente ocupado lugar de destaque nos debates que envolvem temas éticos. Compreender não apenas as motivações que levam o homem a agir, mas também o que o torna responsável por suas ações é de fundamental importância na análise da dimensão ética que envolve a existência humana. O lugar que a ética – e com ela a responsabilidade moral – ocupa no pensamento de Heidegger tem sido objeto de inúmeros trabalhos nos últimos anos, especialmente no que diz respeito à relação entre a ética e a analítica existencial, além das possíveis implicações que a ontologia fundamental pode produzir frente a temas ligados à ética.

Neste contexto, este trabalho tem como objetivo demonstrar a possibilidade de, a partir da compreensão do apelo da consciência, que se revela no *querer-ter-consciência*, vislumbrar-se a origem ontológica da responsabilidade moral, na medida em que, na resposta ao apelo da consciência, o *Dasein* assume-se como *ser-culpado*, condição ontológica descrita no § 58 como condição ontológica para a moralidade em geral. Além disso, buscar-se-á mostrar que o pensamento de Martin Heidegger pode trazer importantes contribuições ao estudo do tema, evidenciando uma esfera da existência ocultada pela tradição e que se mostra condição de possibilidade não só da responsabilidade moral, mas da ética na existência do *Dasein*.

Para tanto, em um primeiro momento apresentar-se-á brevemente a analítica existencial como uma instância pré-ética, esquecida pela tradição em razão dos limites da própria metafísica, mas que se torna fundamental no tratamento das questões éticas a partir do pensamento de Heidegger. Em seguida

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Bolsista Capes. E-mail: marcoswebber@terra.com.br. Telefone: (54) 8115-6789.

será apresentado o modo pelo qual Heidegger trata da culpa no § 58 de *Ser e tempo* e a ligação desta com a moralidade. Posteriormente, buscar-se-á demonstrar de que forma a resposta ao apelo da consciência, revelada do *querer-ter-consciência*, pode dar indícios de uma origem ontológica da responsabilidade moral.

Ao final deste trabalho, ambiciona-se uma justificativa para que a resposta ao apelo da consciência possa ser sustentado como condição ontológica de possibilidade para a responsabilidade moral. Na medida em que a responsabilidade exige algo como uma resposta, e esta se dá através do *querer-ter-consciência*, a compreensão do apelo da consciência é o que permite ao *Dasein* assumir responsabilidade pelo seu ser e pelas ações que envolvem também a moralidade.

Analítica existencial como uma instância pré-ética

Nos últimos anos, o tema da ética tem chamado a atenção de inúmeros estudiosos da filosofia de Martin Heidegger. Diversos trabalhos têm sido desenvolvidos no intuito de tentar aproximar o estudo da ética ao pensamento do filósofo alemão, e importantes contribuições têm sido feitas, não apenas na busca da fundamentação da ética, mas na construção de uma compreensão de uma dimensão ética mais adequada ao modo de ser do *Dasein*. Como se passará a evidenciar, os autores têm sustentado a necessidade de se tomar a analítica existencial como uma instância prévia e condição de possibilidade para a moralidade em geral.

Frederick A. Olafson, por exemplo, busca, na obra *Heidegger and the Ground of Ethics*, promover uma análise das potencialidades éticas do conceito de *Mitsein*, com o intuito de oferecer “tentativas de mostrar que uma ontologia da natureza humana é de fundamental importância para qualquer esforço para chegar ao fundamento da ética”². Segundo Olafson, o reconhecimento de outro ser humano como complementação do seu próprio ser é prévio à definição de regras de conduta. Nesta leitura, o *Mitsein*, compreendido como uma relação de presença recíproca, permite uma melhor compreensão da condição ontológica fundamental dos seres humanos, revelado no ser no mundo um com o outro.

Lawrence Hatab, na mesma linha, busca promover uma análise da finitude radical do ser-para-a-morte, em conexão com o cuidado, o ser-com, e especialmente a dinâmica entre decaída, cotidianidade e autenticidade, na medida em que tudo isso pode ser aplicado ao ser-ético-no-mundo³. O autor propõe uma analogia entre a abordagem de Heidegger à ontologia tradicional e uma possível abordagem à ética, percebendo em *Ser e tempo* uma abordagem que permita “o questionamento adequado do que é ontologicamente requerido para tornar-se um ente moral, isto é, uma interpretação

2 OLAFSON, F. A. *Heidegger and the ground of ethics*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 1998. No original: “attempts to show that an ontology of human nature is of fundamental importance to any effort to get at the ground of ethics”. p. 08.

3 HATAB, L. J. *Ethics and finitude: Heideggerian contributions to moral philosophy*. Maryland: Rowman and Littlefield Publishers, 2000.

de como é possível que os valores e as normas possam atingir um ente que é ser-no-mundo”⁴.

Pode-se citar ainda a obra Heidegger, *Ethics and the Practice of Ontology*, de David Webb, para quem a resposta a questões éticas como *Como deveria eu agir?* ; *Quem sou eu em minhas relações com os outros?*; ou *Sou responsável pelas escolhas que faço?* não podem ser resolvidas independentemente da ontologia. Para Webb, pelo simples fato do pensamento ontológico de Heidegger nunca se livrar da situação concreta da existência do *Dasein*, a esse respeito já é sempre ético⁵. Dentro dessa concepção, e uma vez que o pensamento ontológico não se encontra dissociado da experiência concreta do *Dasein*, permanecendo atado à preocupação existencial sobre quem somos e como nós vivemos, pode-se afirmar que a ontologia é inseparável da ética.

De uma certa forma, Hatab e Raffoul divergem frontalmente quanto ao modo como a ética deve ser entendida. Enquanto que Hatab vê a ética como um engajamento heurístico de questões práticas básicas, para Raffoul a ética não deve ser tomada como um conjunto de normas morais, e menos ainda como uma disciplina aplicada, mas como uma reflexão filosófica da ética enquanto tal. No entanto, apesar das maneiras diversas de conceber a ética, ambos concordam que a ontologia heideggeriana deve ser compreendida como uma instância pré-ética, fundamental para qualquer investigação que pretenda analisar a forma pela qual o homem lida com os valores morais, e o que o torna ou não um ser ético.

Nesta perspectiva, a severa crítica que Heidegger desfere à metafísica e a necessidade da sua superação - o que se dá mediante os teoremas da finitude: diferença ontológica e círculo hermenêutico⁶ - têm implicação também no campo da moralidade. Presas aos limites da própria metafísica, as teorias tradicionais da ética filosófica têm como ponto de partida pressupostos metafísicos, sem questionarem o que há “antes” da metafísica. Pois esta é uma das críticas Heidegger faz a Kant no § 6 de *Ser e tempo*. Além da completa omissão em relação à pergunta pelo ser, Heidegger ressalta no pensamento de Kant “a falta de uma ontologia temática do *Dasein* ou, em termos kantianos, de uma prévia analítica ontológica da subjetividade do sujeito. Em lugar dele, Kant aceita dogmaticamente a posição de Descartes, não obstante os essenciais aperfeiçoamentos a que a submetete”⁷.

Ao tomar como ponto de partida o “eu penso” cartesiano, Kant já está partindo de postulados metafísicos, de forma que uma ontologia do *Dasein* sequer chega a ser um problema. O mesmo, pode-se dizer, acontece com todas as teorias morais que buscam na metafísica os fundamentos para a moralidade. Heidegger criticou fortemente os princípios epocais, a eles Heidegger opondo um novo

4 REIS, R. R. *Modalidade existencial e indicação formal: elementos para um conceito existencial de moral. Natureza Humana*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 292.

5 WEBB, D. *Heidegger, ethics and the practice of ontology*. London/New York: Continuum International Publishing Group, 2009.

6 STEIN, E. *Diferença e metafísica: ensaios sobre a desconstrução*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008. p. 20.

7 HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Chile: Editorial Universitaria, 1998. p. 47.

modelo de fundação: o ser-em, ser-no-mundo e ser-aí⁸. Ou seja, Heidegger está chamando a atenção para uma instância anterior à metafísica e que por ela foi esquecida, que é a finitude do *Dasein*.

Dessa forma, tomando-se a analítica existencial heideggeriana como uma instância pré-ética, anterior e condição de possibilidade para a moralidade em geral, é possível não só repensar o que se entende por ética sob o ponto de vista filosófico, mas compreender melhor a relação que o *Dasein* desenvolve com os valores morais e o que torna o *Dasein* responsável ou não pelas decisões que toma na arena moral. No fundo, como esclarece Hatab (1997),

valores não são fundados em prova ou demonstração; a arena moral é marcada por desacordos e conflitos; situações morais são frequentemente complexas e ambíguas, onde resultados são incertos, onde bens conflitam uns com os outros, onde um balanço de diferentes interesses é difícil de medir – mas nós temos que decidir e às vezes tudo com o que somos deixados é um momento abissal de escolha; [...] compromissos éticos frequentemente requerem risco e sacrifício⁹.

Com a finalidade de demonstrar a possibilidade de identificar na analítica existencial a origem ontológica da responsabilidade moral, passa-se a analisar de que forma Heidegger define o ser-culpado como condição para a moralidade. Estabelecida a abertura entre ontologia e ética, será possível abordar a forma a partir da qual pode o *Dasein* ser responsabilizado por suas escolhas e ações também na esfera moral.

O ser-culpado como condição à moralidade em geral

Ao tratar da culpa no § 58 de *Ser e tempo*, define Heidegger:

Esse modo essencial de ser-culpado é cooriginariamente a condição essencial de possibilidade do “moralmente” bom e mau, ou seja, da moralidade em geral e da maneira como ela se expressa faticamente. O ser-culpado originário não pode determinar-se pela moralidade, porque esta já o pressupõe para si mesma¹⁰.

Mesmo que não seja a intenção de Heidegger tratar da culpa sob a perspectiva moral, o filósofo alemão não nega a moralidade, nem a existência do bem e do mal. O que ele afirma é que a análise do *Dasein* se dá em um nível anterior à possibilidade do moralmente bom e mau. Dessa forma, Heidegger estabelece na estrutura existencial do *Dasein* a condição para a moralidade. Segundo Raffoul, esta seria a fundação ontológica da moralidade, uma vez que a culpa ontológica é mais

8 STEIN, E. *Pensar e errar: um ajuste com Heidegger*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. p. 38.

9 HATAB, L. *Ethics and finitude: Heideggerian contributions to moral philosophy*. *After post-modernism conference*, 1997. Disponível em http://www.focusing.org/apm_papers/hatab.html. Acesso em 02/10/2013. No original: “values are not grounded in proof or demonstration; the moral arena is marked by disagreement and conflict; moral situations are often complex and ambiguous, where outcomes are uncertain, where goods conflict with each other, where a balance of differing interests is hard to gauge - but we have to decide and sometimes all we are left with is an abyssal moment of choice; [...] ethical commitments often require risk and sacrifice”.

10 HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. 2. ed. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, S.A., 1998. p. 305.

originária e serviria de fundamento para o bem e o mal na moralidade, os quais são ônticos¹¹.

Como destaca Reis, “Heidegger é muito preciso ao afirmar que a moralidade encontra sua condição de possibilidade da analítica existencial”¹², mas no entanto o filósofo alemão não estabelece os limites e os conteúdos para a ética enquanto disciplina filosófica. Ocorre que a moralidade, se tomada como um conjunto de distinções entre o bem e o mal, deriva de uma estrutura mais básica. Por consequência, “não é o bem e o mal que tornam os julgamentos possíveis, mas a possibilidade de julgamento que dá sentido à distinção entre bem e mal”¹³. Antes de ser perguntar sobre os critérios que definiriam algo como moralmente bom ou mau, faz-se necessário voltar-se para o único ente capaz do agir moral, pois é na sua estrutura ontológica que reside a sua condição de possibilidade.

Olafson chama a atenção para o fato de que a tradução de *Schuld* por “culpa” pode prejudicar a compreensão do significado que Heidegger pretendia alcançar com a utilização de tal termo. Embora “culpa” seja a tradução mais utilizada, o substantivo *Schuld* também significa “dívida” - algo devido. Há uma maneira de reconciliar estes dois sentidos do termo, se assumirmos que falhamos em pagar esta dívida, e estamos assim sempre em dívida. Está claro, segundo Olafson, que “nenhuma dessas noções deve ser tomada literalmente ou no que Heidegger chama de um sentido ôntico; ambas são metáforas que tem que ser explicadas em linguagem apropriada à ontologia dos seres humanos”¹⁴.

Com efeito, a ideia de culpa no sentido ontológico dado por Heidegger deve estar desvinculado de qualquer referência a um dever ou a uma lei, por cuja violação incorreria culpa. Trata-se muito mais de uma falta, uma deficiência (Mangel), cuja origem está no próprio Dasein. Em seu sentido ôntico, a culpa pode ser superada e o Dasein pode deixar de ser culpado. Ontologicamente, no entanto, a culpa é condição da existência humana. Nesta perspectiva, não cabe ao Dasein tentar superar a culpa ontológica, mas reconhecê-la e assumir a responsabilidade sobre seu ser. Como bem explica Mulhall,

Desculpas ou atos de reparação e reforma podem erradicar a culpa ôntica de uma ação específica, mas culpa ontológica, sendo uma condição da existência humana, é originária e não-irradicável. Autenticidade, ao contrário, requer que se projete sobre a mais própria potencialidade de ser culpado. O objetivo não é superar ou transcender a culpa, uma vez que isso equivaleria a transcender o próprio ser-lançado; isso significa tomar a responsabilidade pelo fundamento particular no qual se é lançado e as projeções particulares que se faz sobre este fundamento, fazer a culpa existencial necessariamente sua própria, ao contrário de ser do impessoal¹⁵.

11 RAFFOUL, F. *The origins of responsibility*. Indiana: Indiana University Press, 2010. pg. 222.

12 REIS, R. R. *Modalidade existencial e indicação formal: elementos para um conceito existencial de moral*. Natureza Humana, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 276.

13 HODGE, J. *Heidegger e a ética*. Lisboa; Instituto Piaget, 1998. p. 298-299.

14 OLAFSON, F. A. *Heidegger and the ground of ethics*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 1998. No original: “neither one of these notions is to be taken literally or in what Heidegger calls an ontic sense; both are metaphors that have to be explicated in language appropriate to the ontology of human beings”. p. 47.

15 MULHALL, S. *Routledge philosophy guidebook to Heidegger and being and time*. 2. ed. London: Routledge, 2005. No original: “Excuses or acts of reparation and reform might eradicate the ontic guilt of a specific action, but ontological guilt, being a condition of human existence, is originary and ineradicable.

Ao definir o *Dasein* como um ente que está permanentemente em dívida com o seu ser, Heidegger está referindo-se claramente a uma esfera ontológica, que não pode ser erradicada justamente por ser constitutiva do *Dasein*. Ela revela uma falta que acompanha o *Dasein* em todos os seus modos de ser, sejam eles autênticos ou inautênticos. É que a culpa não faz parte apenas da estrutura ontológica do *Dasein* inautêntico; ela revela a estrutura essencialmente insatisfatória também do *Dasein* autêntico. Dreyfus explica que

a culpa autêntica não revela lapsos do *Dasein* inautêntico, ou sua falha essencial em escolher; ela revela uma estrutura definitiva insatisfatória mesmo do *Dasein* autêntico. Mesmo se o *Dasein* não fez nada errado há algo errado com o *Dasein* – seu ser não está sob o seu poder¹⁶.

A culpa ontológica é, portanto, distinta da culpa moral e de qualquer sentimento decorrente de algum ato praticado. Para Miyasaki, porém, o ser-culpado fornece um critério de distinção entre o comportamento ético e o não ético¹⁷. Na medida em que Heidegger vê no reconhecimento do *Dasein* como ser-culpado a condição de possibilidade para a moralidade, esta culpa primordial, ou existencial, serve de critério ontológico para a elucidação do que pode vir a ser entendido como comportamento ético e não ético.

Reconhecer-se culpado, no entanto, requer do *Dasein* uma postura autêntica, e o movimento que o retira da inautenticidade exige uma resposta ao que Heidegger definiu como o apelo da consciência. Dessa forma, importa esclarecer o significado e a função que a consciência possui no pensamento heideggeriano, e então identificar de que forma a voz da consciência pode chamar o *Dasein* a compreender-se em sua singularidade enquanto ser-culpado, e assim abrir espaço para a responsabilidade moral para um ente que é ser-no-mundo.

O apelo da consciência

Nos §§ 54 a 60 de *Ser e tempo*, Heidegger aprofunda a descrição da consciência e da culpa, os quais se revelam pontos essenciais para uma adequada compreensão do modo pelo qual é possível ao *Dasein* livrar-se da inautenticidade do *impessoal* e encontrar-se na individualidade autêntica. Muito embora Heidegger seja um crítico das teorias da consciência, sustentando a necessidade da superação

Authenticity, rather, demands that one project upon one's ownmost potentiality for being guilty. The aim is not to overcome or transcend guilt, since that would amount to transcending one's thrownness; it means taking responsibility for the particular basis into which one is thrown and the particular projections one makes upon that basis, to make one's necessarily guilty existence one's own rather than that of the theyself". p. 142.

16 DREYFUS, H. L. *Being-in-the-world: a commentary on Heidegger's being and time, division I*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1991. No original: "existential guilt reveals not inauthentic *Dasein*'s moral lapses, or its essential failure to choose; it reveals an essentially unsatisfactory structure definitive of even authentic *Dasein*. Even if *Dasein* has done nothing wrong there is something wrong with *Dasein* - its being is not under its own power". p. 306.

17 MIYASAKI, D. *A ground for ethics in Heidegger's Being and time*. IN: Journal of the British Society for Phenomenology. V. 38. N. 03. 2007. p. 261.

da dicotomia sujeito-objeto, o filósofo alemão não nega a existência de uma consciência. No entanto, Heidegger atribui a ela um sentido diverso das teorias as quais combate, o que precisa ser bem delineado para poder-se determinar com maior clareza a sua posição na analítica existencial do Dasein. Dessa forma, a análise da consciência promovida em *Ser e tempo* diz respeito à estrutura ontológica do ente que é o Dasein, apresentando-se como prévia à descrição de uma consciência psicológica ou moral.

Uma análise do Dasein cotidiano, quer dizer, da forma como este se apresenta imediata e regularmente, revela o Dasein como um ente junto aos demais, em que sua compreensão de mundo é regida pelo *impessoal*. E, perdido no *impessoal*, o Dasein incorre em uma compreensão equivocada de si mesmo, sem espaço para compreender-se em sua singularidade. Na pergunta sobre o quem do Dasein, Heidegger descreve o *impessoal* como “o outro e nenhum si mesmo. O *impessoal* que responde a pergunta pelo *quem* do Dasein cotidiano, é o *ninguém* a que todo Dasein já está entregue sempre em seu ser com os outros”¹⁸.

Daí a afirmação de que, “no âmbito cotidiano, o *impessoal* assume o papel de sujeito do si-mesmo do Dasein”¹⁹. Ou seja, imerso no *impessoal*, o Dasein não é ninguém. Embora o *impessoal* seja um existencial e um fenômeno originário da estrutura positiva do Dasein, o mantém na inautenticidade, uma vez que, enquanto perdido no *impessoal*, o Dasein não reconhece sua singularidade, sua finitude e seu ser.

Pois o que chama o Dasein a ser si mesmo e escolher-se, em oposição ao *impessoal*, é a voz da consciência. Trata-se de um apelo interior, em que o Dasein é ao mesmo tempo interpelante e interpelado²⁰, chamando para que assuma o modo próprio de ser-si-mesmo, caracterizado como uma modificação do modo de ser do *impessoal*. É um desprender-se do *impessoal*, a partir da adequada compreensão que o Dasein passa a ter de si e do mundo. As possibilidades de ser não ficam mais limitadas ao *impessoal*; agora dizem respeito à singularidade do Dasein. Nesse sentido, explica Miyasaki que “a verdadeira alternativa a estar perdido no 'impessoal' é ser *encontrado* no 'impessoal’”²¹.

18 HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Chile: Editorial Universitaria, 1998. p. 152.

19 VEIGA, I. S. *Cotidiano e queda: uma análise a partir do § 38 de Ser e tempo*. Porto Alegre: Clarinete, 2012. p. 63.

20 Mulhall explicita que, embora a voz da consciência parta do próprio Dasein, não se pode dizer que aquele que chama e a quem o chamado é endereçado sejam exatamente o mesmo Dasein. Ou seja, o chamado é endereçado ao Dasein perdido no *impessoal*, mas se origina do Dasein que não está. Nas palavras do autor, Heidegger “concorda que a voz da consciência não é a voz de outro além do Dasein a quem o apelo é endereçado, não a voz de uma terceira parte. Mas não são o Dasein-enquanto-interpelado e o Dasein-enquanto-interpelante o mesmo. O Dasein a quem o apelo é feito está perdido no 'impessoal', enquanto que o Dasein que faz o apelo não está [...]”. No original: “agrees that the voice of conscience is not the voice of someone other than the Dasein to whom the call is addressed, not the voice of a third party. But neither are Dasein-as-addressee and Dasein-as-addresser one and the same. For the Dasein to whom appeal is made is lost in the 'they', whereas the Dasein who makes the appeal is not [...]”. MULHALL, S. *Routledge philosophy guidebook to Heidegger and being and time*. 2. ed. London: Routledge, 2005. p. 139.

21 MIYASAKI, D. *A ground for ethics in Heidegger's Being and time*. IN: *Journal of the British Society for Phenomenology*. V. 38. N. 03. 2007. No original: “the true alternative to being lost in the 'they' is being *found*

O chamado da consciência, porém, é silencioso. Não é feito através de palavras, nem é uma expressão vocal. É que a consciência não tem nada a dizer. Sua função não é aconselhar, mas despertar o Dasein para a consciência de si mesmo, para a descoberta da sua situação original, que é a de estar projetado, chamando para adiante, para suas possibilidades mais próprias. Daí a importância da forma pela qual o chamado deve ser escutado. A consciência interpela o Dasein imerso no *impessoal*, para o tornar si mesmo.

Este movimento do autêntico para o inautêntico, ou, como Heidegger define, a modificação do modo de ser da inautenticidade para a autenticidade, não acontece de forma natural. Na medida em que o Dasein existe sempre de maneira fática, e as disposições afetivas revelam constantemente a sua condição de lançado, o Dasein enfrenta a inquietação provocada pela angústia. A fuga deste estado de ânimo frequentemente leva o Dasein a assumir modos de ser inautênticos. O Dasein foge de si mesmo, buscando alívio em uma suposta liberdade do *impessoal*.

Quanto ao que o chamado da consciência dá a entender ao Dasein, Heidegger é enfático ao afirmar que “o chamado não dá a entender um poder-ser universal ou ideal; o chamado abre o poder-ser como o poder-ser, em cada caso isolado, de cada Dasein”²². E isso para o qual a consciência chama, e que faz parte do ser do Dasein, capaz de torná-lo responsável pelo seu próprio ser, é o que Heidegger denomina culpa. Não se trata, porém, de um sentimento por alguma ação praticada, ou por desrespeito à lei, mas de uma culpa em um sentido ontológico, originário, que faz parte do próprio ser do Dasein.

Dessa forma, na medida em que o que o chamado da consciência dá a entender é este ser-culpado, observa-se que a consciência só é possível em razão do Dasein já possuir a culpa em seu ser. Daí a importância de se compreender o significado de escutar este chamado. Enquanto perdido no *impessoal*, o Dasein não conhece mais do que o cumprimento ou a violação da regra prática e da norma pública. O conhecimento que o Dasein tem de si mesmo fica limitado ao coletivo, ao *impessoal*. Escutar o chamado da consciência, nesta perspectiva, consiste em tomar conhecimento do fato de ser culpado, o que permite ao Dasein compreender-se em seu ser mais próprio, e assim projetar-se de forma autêntica em sua mais própria e radical possibilidade de existência.

Compreender o chamado, no entanto, não significa eleger a consciência e buscar segui-la. Como já delineado anteriormente, a consciência nada tem a dizer. “O que se eleger é ter-consciência, enquanto ser-livre para o mais próprio ser-culpado. Compreender o chamado quer dizer: querer-ter-consciência”²³. Só desta maneira pode o Dasein ser responsável.

Nesta perspectiva, a consciência moral tem na consciência ontológica a sua raiz e sua possibilidade²⁴. A partir do momento em que Heidegger define o ser-culpado como condição

in the 'they'". p. 266-267.

22 HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Chile: Editorial Universitaria, 1998. p. 299.

23 HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Chile: Editorial Universitaria, 1998. p. 306.

24 DUBOIS, C. *Heidegger: introdução a uma leitura*. Trad. Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 55.

existencial de possibilidade da moralidade, e que é através do apelo da consciência que se torna possível ao *Dasein* compreender-se enquanto ser-culpado, o filósofo alemão está, de certa forma, indicando que a moralidade depende, em certa medida, do que de fato a voz da consciência dá a entender, e de que forma deve o *Dasein* compreendê-la. É que a voz da consciência torna o *Dasein* responsável pelo seu próprio ser, na medida em que Heidegger atribui ao ser-culpado também o sentido de “ser responsável de”²⁵.

Machado vai ainda mais longe ao afirmar que “o agir responsável só é possível na escuta dessa 'voz da consciência'”²⁶. Ao passo que o *impessoal* é uma fuga da responsabilidade existencial, o apelo da consciência chama o *Dasein* a assumir a responsabilidade pelo seu ser. Segundo Heidegger,

Escutar corretamente o apelo equivale então a um compreender-se a si mesmo em seu poder-ser mais próprio, ou seja, equivale a projetar-se no mais próprio e autêntico poder-chegar-a-ser-culpado. [...] Ao compreender o apelo, o *Dasein* é obediente à sua mais própria possibilidade de existência. Terá escolhido a si mesmo²⁷.

Escutar o apelo, portanto, é reconhecer-se enquanto ser-culpado, e este fato abre a possibilidade de uma modificação existencial e de fazer escolhas na vida moral de uma forma autêntica. Não se pode, contudo, escolher a consciência, visto que ela não tem conteúdo. O que se escolher é *querer-ter-consciência*, e compreender o que significa este *querer* ganha importância na medida em que é a partir dele que o *Dasein* dá uma resposta ao apelo da consciência e que, no fundo, assume a responsabilidade pelo seu próprio ser.

O *querer-ter-consciência* e a responsabilidade moral autêntica

Da mesma forma que o *Dasein* não é culpado por causa da inautenticidade, mas não reconhecer a possibilidade da autenticidade, ele não é culpado por não ter uma consciência, mas por não *querer* ter uma consciência. É que o *Dasein* não paga o seu débito desenvolvendo uma exaustiva compreensão de suas possibilidades, mas querendo ser receptivo ao apelo da consciência, e por querer ser continuamente vulnerável à descoberta de possibilidades. Cumpre reconhecer, evidentemente, que não é possível ao *Dasein* manter-se permanentemente no modo de ser autêntico. A inautenticidade é um existencial, e por isso constitutiva do modo de ser cotidiano do *Dasein*. O que se busca evidenciar é que este *querer-ter-consciência* que caracteriza a resposta do *Dasein* ao apelo da consciência é a resposta ao chamado para a ética, uma resposta que reconhece a liberdade de um ser-culpado para escolher a si mesmo de forma autêntica e responsável.

Heidegger não fornece uma resposta única ao apelo da consciência que deveria ser seguida por

25 HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Chile: Editorial Universitaria, 1998. p. 301.

26 MACHADO, J. A. T. *Os indícios de Deus no homem: uma abordagem a partir do método fenomenológico de Martin Heidegger*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 189.

27 HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Chile: Editorial Universitaria, 1998. p. 306.

todos, pois isso seria contraditório à revolução no pensamento promovida pelo filósofo alemão. Uma vez que a compreensão do apelo da consciência orienta o *Dasein* à sua singularização frente ao *impessoal*, levando-o a assumir a sua existência de forma autêntica, cabe a cada *Dasein* assumir a responsabilidade pelo seu ser. Segundo explica Mulhall,

Ter a disposição de tomar a responsabilidade desta forma, de estar em débito consigo mesmo, equivale à vontade de ser chamado pela voz da consciência – uma disposição de tomar decisões existenciais sob a luz da potencialidade mais própria e autêntica do ser-culpado. Equivale, em resumo, a escolher ter uma consciência em oposição a oprimi-la. A resposta pela qual a voz da consciência está procurando é assim não a adoção de padrões morais de certo e errado, algum cálculo específico de débito e crédito. A resposta que ela procura é responsividade, o desejo de ter uma consciência. Cultivar tal desejo é colocar-se a serviço da capacidade própria de individualidade, é escolher a si mesmo²⁸.

Ao mesmo tempo em que o *Dasein* é essencialmente perdido no *impessoal*, e disso não pode fugir, a verdadeira alternativa é ser encontrado no *impessoal*, reconhecendo que o seu ser não se exaure no *impessoal*. A grande questão, segundo Olafson, é se o *Dasein* quer ou não aceitar este fato sobre si mesmo. Aceitar a responsabilidade requer um rompimento como o *impessoal* e querer reconhecer a si próprio como ser-culpado. O *querer-ter-consciência*, neste sentido, é o que constitui a responsabilidade autêntica, e não há regras pré-estabelecidas ou entidade divina que estabeleçam o que se deve fazer e como se deve agir. Nas palavras de Olafson,

nós estamos em dívida porque nós começamos e não podemos evitar preferir o anonimato seguro do *Das Man*, o qual, como Heidegger diz, nos alivia da necessidade de escolher. Uma escolha é devida por cada um de nós porque não há nada - nem um Deus ou qualquer outra entidade supra-individual ou, poderia ser acrescentado, qualquer teoria determinística de nossas próprias naturezas - que possa realizar o trabalho de escolha por nós fornecendo a máxima ou objetivo para nossas ações que garantiriam sua justificabilidade²⁹.

O *Dasein* não é culpado, portanto, pelo fato de negligenciar alguma possibilidade específica, mas por negligenciar sua potencialidade de ser si-mesmo. Também não se pode dizer que o *Dasein* seja culpado por não ter uma consciência, mas por não *querer ter* uma consciência. A dívida com o seu próprio ser não fica sanada por desenvolver uma exaustiva compreensão de cada possibilidade, mas

28 MULHALL, S. *Routledge philosophy guidebook to Heidegger and being and time*. 2. ed. London: Routledge, 2005. No original: “A readiness to take on responsibility in this way, to be indebted to oneself, amounts to a willingness to be appealed to by the voice of conscience – a readiness to make existential decisions in the light of one’s ownmost, authentic potentiality for Being-guilty. It amounts, in short, to choosing to have a conscience as opposed to repressing it. The response for which the voice of conscience is seeking is thus not the adoption of some particular schedule of moral rights and wrongs, some specific calculus of debt and credit. The response it seeks is responsiveness, the desire to have a conscience. To cultivate such a desire is to put oneself in servitude to one’s capacity for individuality; it is to choose oneself”. p. 142.

29 OLAFSON, F. A. *Heidegger and the ground of ethics*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 1998. No original: “we are in arrears because we begin in and cannot help preferring the safe anonymity of *Das Man*, which, as Heidegger says, relieves us of the necessity to choose. A choice is due from each of us because there is nothing – neither a God nor any other supra-individual entity or, it might be added, any deterministic theory of our own natures – that can do the work of choice for us by providing the maxim or goal for our actions that would guarantee their justifiability”. p. 47.

por querer ser receptivo ao chamado da consciência³⁰. Ao passo que a moralidade em geral pressupõe o ser-culpado, é justamente do reconhecimento desta culpa ontológica, prévia ao moralmente bom e o moralmente mau que nasce a possibilidade de uma responsabilidade moral inscrita na esfera ôntica da existência.

Considerações Finais

Na medida em que Heidegger define o ser-culpado como condição ontológica para que a moralidade possa tomar parte da existência, e o que aponta para a culpa ontológica é o apelo da consciência, a resposta que o *Dasein* dá ao apelo é o que permite o surgimento da responsabilidade na esfera moral. Reconhecer-se como ser-culpado e assumir-se em dívida com o próprio ser é o que permite ao *Dasein* uma adequada compreensão de si mesmo, e lhe dá a possibilidade de fugir do *impessoal*, movendo-se para o modo autêntico da existência. Nesta perspectiva, buscou-se neste trabalho demonstrar a possibilidade de compreender-se a origem ontológica da responsabilidade moral como uma resposta do *Dasein* ao apelo da consciência, que se revela no *querer-ter-consciência*.

Procurou-se inicialmente explicitar o modo pelo qual diversos autores têm abordado o tema da ética a partir do pensamento de Martin Heidegger, evidenciando especialmente a necessidade de se compreender a analítica existencial como uma instância pré-ética e condição para a moralidade em geral. A seguir buscou-se mostrar de que forma Heidegger estabelece, no § 58 de *Ser e tempo*, o ser-culpado como condição essencial para o moralmente bom e o moralmente mau. Com isso, o filósofo alemão identifica na estrutura existencial do *Dasein* a abertura para uma ligação entre ontologia e moralidade, sustentando que o reconhecimento do ser-em-dívida constitutivo da existência do *Dasein* deve ser apresentado como pressuposto da própria moralidade. A responsabilidade moral, neste aspecto, pressupõe uma compreensão de si mesmo enquanto ser-culpado.

Em um momento final, tentou-se mostrar que a resposta dada ao apelo da consciência revela um *querer*, manifestado no *querer-ter-consciência*, e traduz o modo pelo qual o *Dasein* assume a sua condição essencial de ser-culpado, toma para si a responsabilidade do seu próprio ser, rumando para a sua singularização frente o *impessoal*, condição esta fundamental para qualquer responsabilização que alcance a dimensão moral da existência humana.

Evidentemente não se busca com este trabalho esgotar o tema, mas apresentar a resposta ao apelo da consciência como o ponto de partida para que se possa iniciar o debate sobre as implicações do pensamento de Martin Heidegger tanto no estudo da responsabilidade quanto no estudo da ética filosófica. Uma compreensão da analítica existencial como uma instância pré-ética pode fornecer pistas para uma abordagem mais adequada ao tratamento das questões desenvolvidas neste trabalho. A ética é um potencial humano, e a atenção à condição humana é essencial para que se possa

30 MIYASAKI, D. *A ground for ethics in Heidegger's Being and time*. IN: Journal of the British Society for Phenomenology. V. 38. N. 03. 2007. p. 265.

compreender o que torna ou não o homem um ser responsável moralmente. Daí a importância de uma adequada compreensão do apelo da consciência, uma vez que este, ao revelar a condição do *Dasein* de ser-culpado, muito pode dizer sobre a forma pela qual o *Dasein* se projeta, se relaciona com o mundo e, enfim, toma decisões cujas implicações alcançam também a esfera moral da vida humana.

Referências Bibliográficas

DREYFUS, H. L. *Being-in-the-world: a commentary on Heidegger's being and time, division I*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1991.

DUBOIS, C. *Heidegger: introdução a uma leitura*. Trad. Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

HATAB, L. J. *Ethics and finitude: Heideggerian contributions to moral philosophy*. Maryland: Rowman and Littlefield Publishers, 2000.

_____. *Ethics and finitude: Heideggerian contributions to moral philosophy. After post-modernism conference, 1997*. Disponível em http://www.focusing.org/apm_papers/hatab.html. Acesso em 02/10/2013.

HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Chile: Editorial Universitaria, 1998.

HODGE, J. *Heidegger e a ética*. Lisboa; Instituto Piaget, 1998.

MACHADO, J. A. T. *Os indícios de Deus no homem: uma abordagem a partir do método fenomenológico de Martin Heidegger*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MIYASAKI, D. A ground for ethics in Heidegger's Being and time. IN: Journal of the British Society for Phenomenology. V. 38. N. 03. 2007. p. 261.

MULHALL, S. *Routledge philosophy guidebook to Heidegger and being and time*. 2. ed. London: Routledge, 2005.

OLAFSON, F. A. *Heidegger and the ground of ethics*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 1998.

RAFFOUL, F. *The origins of responsibility*. Indiana: Indiana University Press, 2010.

REIS, R. R. *Modalidade existencial e indicação formal: elementos para um conceito existencial de moral*. Natureza Humana, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 273-300, 2000.

STEIN, E. *Pensar e errar: um ajuste com Heidegger*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

_____. *Diferença e metafísica: ensaios sobre a desconstrução*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

VEIGA, I. S. *Cotidiano e queda: uma análise a partir do § 38 de Ser e tempo*. Porto Alegre: Clarinete, 2012.

WEBB, D. *Heidegger, ethics and the practice of ontology*. London/New York: Continuum International Publishing Group, 2009.